ANO II—N.º 29 | 7 de ABRIL de 1945 | Avença | Preço 1$00

Gaiato

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Redacção, Administração e Proprietária—Casa do Gaiato do Pôrto—Paço de Sousa ■ DIRECTOR E EDITOR—PADRE AMÉRICO ■ Composição e Impressão—Tip. da Casa Nun'Alvares—R. Santa Catarina, 828-Pôrto

PERIGO DE MORTE

O governador civil do Pôrto, tem-se ocupado ultimamente em visitar as Casas de Assistência na cidade, encontrando em algumas delas, segundo os jornais do dia, camas vazias e espaço desaproveitado. Até se transcreve aqui, com vénia, o que ficou escrito no livro dos visitantes, de uma das beneméritas instituições:

«Levo a melhor impressão da minha visita a esta casa. No entanto, lamento ter visto tanta cama vazia e tanto espaço desaproveitado, sabendo que por tôda a cidade existem milhares de crianças a carecer de protecção. Não se compreende que os que podem, sobretudo os que podem muito, se desinteressem de uma obra como esta. (a) *Anibal Bessa*».

Precisamente durante aquela semana, recebi eu uma data de cartas a pedir lugar na Casa do Gaiato para vadios das ruas do Pôrto. Tôdas, por palavras diferentes, narram a mesma história. A ultima, vem da rua de S. Sebastião à Sé, e diz assim:

Esta tem por fim apelar para si a ver se V. levaba para a casa do Gaiato um rapasinho que bagueia pelas ruas, e comendo qualquer coisa que aparece nos baldes do lixo, e esse pequeno não tem pai e a mãe está doida era uma hobra de caridade tiralo do meio em que bive.

E, já agora, mais esta, também do Pôrto:

Há uma familia muito desgraçada em S. Pedro de Campanhã, Pôrto, chamada por alcunha «Os Marcelas», que é composta de Mãe e seis filhos, visto que o Pae morreu há dois dias, devido à sua situação Julgo que o mais velho tem 15 anos e o mais novo é de colo. São 5 rapazes. Não teem cama nem casa onde dor mir e todo o inverno pernoitaram pelas vielas e pelos matos, como animais.

Nestes três depoimentos, encontramos a razão do *perigo de morte*, como vem na bandeira deste artigo. Morte colectiva. Morte por separação. Invocamos um pai comum,—*Pai Nosso*. Pedimos um bem comum,—*dai-nos o pão;* mas vivemos separados! Quem é que come no balde do lixo?

Um irmão! Juntinhos dentro das igrejas. Cá fora, separados! E' já uma consequencia natural desta morte, o existirem abrigos para creanças *e estes vazios*, numa terra e num tempo onde se contam por centenas, as que pernoitam ao relento. Não é um transe, esta morte; antes fôra! E' um estado de vida. O evangelista que mais amou, diz que permanecem na morte os que não amamos seus irmãos. Quem é que dorme nas ruas, no dizer do próprio governador? Os nossos irmãos inocentes!

~

Os homens que estão à frente destas instituições, queixam-se muito naturalmente da falta de recursos e fazem o melhor que podem, dentro das verbas ao seu alcance. Se mais tivessem, melhor e mais fariam. Quem lhes pode levar isso a mal? Contudo, se alguem preguntasse a minha opinião, eu havia de dizer que se trata de um êrro de visão. As alturas podem causar vertigens, sim, mas é de lá que se vê tudo. Vê-se, por exemplo, que a falta de meios para sustentar estas obras, está justamente no haver camas vazias lá dentro e creanças à fome cá fora.

Vê-se mais, lá das alturas, que o simples facto de recebermos a creança que tem direitos nestas casas, garante *necessariamente* o seu sustento. Ela é o dote. Ela, a recompensa. Quanto mais alto subirmos, melhor vemos estas coisas.

Era de uma vez uma Comissão de boa vontade, que fundou em certa terra uma casa de regeneração para raparigas em perigo moral. Conseguiram fundos para manter doze camas. As doze, lá estavam muito bem armadinhas no respectivo dormitório, à chegada das religiosas que vieram para conduzir a obra. A dita Comissão, logo teve o cuidado de avisar que, por enquanto, não se poderia ir mais além, e que já não era nada mau tirar das ruas uma duzia de desvairadas.

Ora as religiosas traziam outra *cartilha*. Depois de instaladas, começaram a receber raparigas por sua conta e risco, tendo dentro em pouco umas 40 camas ocupadas. A dita Comissão desorientava-se: *mas de onde é que lhes vem tanto dinheiro?!* E acabou por diminuir a sua acção, no que só fez muito bem.

De uma vez calhou-me levar pela minha mão àquele estabelecimento uma menor que desejava o seu resgate por todo o preço. Contei de como fôra possivel ir buscar a enganada.

Não me pediram enxoval. Não me falaram em dinheiro. — Sim, padre; para evitar o pecado, tudo quanto se faça é pouco!

Meses depois, voltava à mesma porta com identica missão. — Sim, padre; eu também gostaria que me recebessem se tivesse dado aqueles passos. E recebeu a algemada.

«Se temos cinco, chega para cinco. Quando temos cem, chega para cem. E agora que temos duzentos e onze, nada nos falta».

Ouvi eu da bôca de uma irmãsinha dos Pobres, no Pinheiro Manso, um dia que lhes fui levar um abandonado, como já disse em tempos no *Gaiato* e agora torno a dizer, a vêr se a lição fica.

Citamos propositadamente estes casos como argumento de uma doutrina que mergulha no Evangelho. Eles são o sêlo branco do artigo de fundo de hoje.

A Caridade *que folga com a justiça;* aquela mesma *que não procura os seus interesses*, essa nunca perde nada da sua virtude, por ser imensa. As obras de caridade não dependem dos mortais, embora sejam realizadas por êles, para bem dêles. O que importa é que os homens se não atrevessem com a caridadesinha dos seus amores. Que ponham a mêsa. Que abram as camas. Que não fechem as portas. Que chorem. Que não se busquem.

Que não troquem a moeda forte, que é precisamente a creança que se apresenta, pela falsa da verba, do orçamento, da papelada.

Oh homem, não tires da vida a morte!

«O GAIATO» FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

DIÁRIO DO JORNAL

O Amadeu chegou a casa muito triste, sinal de que a venda não foi o que costuma ser. E não.

Um dos gaiatos, agora na sucursal, debutou; é o Zé saltimbanco.

«Vendi muitos nos cafézes»: disse, e entregou 27$30 de acrescimos. Tenho recebido pedidos sem conta, para um irmão deste saltimbanco, que anda por lá a fazer das suas, mas como é possivel fazê-lo, sem espaço?

Quando fôrmos para as novas instalações, pode vir o palhaço.

A razão da venda ser pequenina, foi o não mandarmos rapazes em numero suficiente, e não o fizemos, por não termos camas na Casa do Pôrto. As dez que se compraram em Avanca, estão ocupadas. Já se encomendaram outras dez. No Pôrto, também há sapatos de defunto e a gente não pode esperar!

Para a vila de Paredes, despacharam-se Augusto e Amadeu. Foram no Comboio e regressaram a pé, pela supressão do que antes os trazia até Cête. O Amadeu vendeu 30 exemplares e o Augusto pouco mais de metade.

DO QUE NOS VEM TER Á CASA DO PORTO

Uma cabra e um cabrito e 200 escudos. O Machado ficou de fachina. De um senhor 20$00 e o mesmo de um outro de Madrid. Quem dera que o matador de Espanha, que deu um milhão de pesetas para uma obra destas, nos viesse visitar! Duas peças de pano. Seis discos. Dezoito gravatas. Um faqueiro. Um talher para o pobre de São Lourenço. Um caixote de figos. Quatro camisas. Duas calças. Uma blusa. Petroleo. Grão a grão...

O nosso porteiro está sempre no seu posto. E' só puxar. Mais 25$00 no Depósito, *para ajuda da renda da casa do Pôrto*, a primeira esmola deste teor. E finalmente, aquela primeira esmola, só agora revelada:—o leite suficiente para a comunidade! Sim. Há alguem na cidade do Pôrto que elegeu esta ventura.

Notícias DIVERSAS

OS nossos dois cozinheiros e os nossos quatro refeitoreiros, acabaram agora mesmo de aninhar nova galinha com 15 ovos. Esperam êles, e eu também, que a hora tenha sido auspiciosa.

■

HOUVE aqui grande balbúrdia à hora do jantar. Quando mal nos precatamos, demos com o Mondim em cima dos bancos da mesa a dar uma sova no Mário, em plena hora de refeição! O Sérgio acudiu imediatamente, tendo os dois da contenda ficado tranquilos e amigos como dantes. Está para vir o primeiro dia em que não haja sangue nas nossas casas!

■

APARECEU aqui, pela segunda vez, um rapaz das ruas do Porto, primo do Alfredo que já é nosso há muito tempo. Chama-se Ernesto. Parece andar na casa dos doze. Da primeira vez foi-lhe dito que não podia ficar.

Da segunda, ficou. Narrou de como umas mulheres da rua se haviam cotizado para lhe darem a merenda e algum dinheiro para o caminho. O nosso aventureiro foi entregue ao Celorico, chefe do grupo dos do campo, e no primeiro dia, não houve novidade de maior. No segundo, largou o trabalho e foi vadiar pelos arredores, pelo que foi muito censurado pela malta e à noite, na hora terrível dos avisos, por mim. O rapaz ouviu-me e disse diante de todos, estar decidido a ficar connôsco. Mas a carne é fraca. O pequeno vagabundo, não soube conversar com o travesseiro e acontece que, na manhã seguinte, quando eu vinha de celebrar, ouvi uma voz muito assanhada na portaria *«por aqui não passas»!* Era o *tiro-liro* com a vassoira na mão. O rapaz queria fugir, e fugiu na noite dêsse dia. Espero que êle regresse. Casos dêstes têem sucedido na nossa organização; na casa de Paço de Sousa, onde somos oitenta e temos dois anos de vida, êste é o segundo. Eu acho óptimo. O meu espanto não é de que êles fujam, mas sim que fiquem presos à nossa vida.

■

O José Eduardo foi nomeado hoje ronda no refeitório às horas de comer. Tomou o sarrafo do estilo e começa de aparecer onde a desordem o chama. Tudo ia muito bem, quando os cozinheiros entram com o prato do dia: feijão frade com bacalhau numa grande caçarola, e noutra mais pequena oitenta ovos cozidos. Ora aqui é que foi. O próprio Zé Eduardo, esquecido das suas importantes atribuições pois a ripa e larga aos vivas! Já há obra de uns dez anos que eu dou ovos cozidos aos garotos da rua e tenho sido testemunha feliz da festa que êles fazem, nas exclamações que soltam, nas boas resoluções que tomam e no amor que devotam a quem lhes proporciona tão delicioso manjar. Por desgraça nossa, êles são tão poucos no mundo os que gozam estas festas; tão raras as ocasiões de lhes dar ovos cozidos, que se contam por centenas os dêles que jamais os provaram.

■

O Amadeu Elvas teve de ir ao Porto aviar um recado.

E' privilégio dos nossos chefes usar o cabelo à meia cabeleira. O Amadeu é chefe e eu dei lhe ordem de cortar o cabelo na cidade.

O rapaz regressa à noite com êle por cortar.

«E' muito caro; pediram-me quatro escudos e eu não quiz.»

Os nossos pequenos não se deslumbram com a abundância, fruto do amor à pobreza. Nós cultivamos êsse amor. Comemos tôdas as migalhas.

■

O Parôlo mai-lo Gari são os encarregados dos porcos. Têm sido vistos às vezes, conduzir os baldes dentro de um carro de mão, triunfantes. O arco, o carro-de-mão, a bola;—eis os trofeus de glória dêste novo Portugal!

O Tiroliro deixou-se subornar! Não fazia tal conceito do nosso porteiro!

Foi o caso que, em um dos últimos desafios de futebol, a entrada foi proibida e o rapaz recebeu instruções nêsse sentido. Mais eis que alguém pulsa de rijo. Tirolire acode. Era um rapaz da idade dêle.

—Deixa-me entrar

—Não há ordem

—Anda lá que eu dou-te uma laranja

O rapaz abre o seio e mostra laranjas côr de oiro... Tiroliro baixou os olhos, pegou numa e deixou entrar! O segrêdo estava e esteve muito tempo no ex-malcreado da Murtosa, que comeu metade para o guardar. Porém, ontem, tomaram-se de razões e zangaram-se as comadres!

A princípio deixavamos entrar, mas agora proíbe-se a presença de mulheres. Não é tanto por causa do sexo como pela forma de trajar. As moças destas redondezas, à fôrça de quererem figurar, desfiguraram-se.

Se eu tivesse uma Casa do Gaiato nos arredores de Coimbra, não seria assim. Alí, as camponesas firmam personalidade. Teem amor à tradição. Não trocam por bugigangas a sua saia rodada. S. João do Campo, S. Martinho do Bispo, S. Paulo de Frades — quantas vezes não tenho eu parado nas ruas de Coimbra, a contemplar estas mulheres domingueiras, que por nada do mundo trocam a graça do seu trajar!

■

OS nossos dois cozinheiros e o Rio Tinto, andam agora muito interessados com a sementeira dos seus pequeninos quintais, onde ocupam as horas de recreio.

■

O Zé Eduardo tinha sido devidamente notificado e ia sofrer um tremendo castigo, por ter faltado à escola e fazer outras diabruras inerentes à sua irrequieta pessoa, quando uma triste ocorrência lhe trouxe misericórdia;—a morte do Pai. Zé Eduardo recebeu o golpe com visível sentimento e como é chefe da rouparia, êle mesmo cortou pano e colocou o fumo. Dois fumos; um na manga e outro no colarinho da blusa. Eu deixei.

Na manhã seguinte, celebramos missa de requiem por alma de *«Joaquim»*. Foi-lhe dito que podia convidar os seus particulares amigos e lá apareceram o Augusto, o Daniel, o Maximiano, o João e o Gari.

CRÓNICA DA NOSSA ALDEIA

POR JOSÉ EDUARDO

O Oscar foi nêste domingo ao Pôrto vender «O Gaiato» e um senhor deu-lhe uma bola de câmara. Era para trazer uma de borracha mas êle antes quiz aquela de câmara. Também lhe deu pastas dos dentes.

III

JÁ andam a fazer o campo de jogos que já vai um pouco adiantado. Onde era antigamente os nossos pequeninos quintais anda a fazer um jardim e um pomar.

III

ANDA tudo em rebuliço por causa dos ovos. Muitas galinhas fazem ninho em vários sítios e os mais pequenitos, os que não teem escola, andam todo o santo dia à procura de ovos nos ninheiros. Quando algum o acha começam logo a dizer: Esse ôvo é meu porque fui eu quem deu com êle! e os mais espertos dizem logo: Não é nada êsse ôvo é do Snr. Padre Américo porque foi êle que comprou as galinhas.

III

UM senhor de Famalicão prometeu dar uma bola para os cozinheiros e refeitoreiros. Vinha agora a lembrar a esse querido leitor se então fazia êsse favor.

III

ANDA tudo com bolas feitas de panos e meias, mas a senhora quando apanha algumas mete-as logo na lareira para fazer lume.

III

JÁ assentaram a torre da capela com uns moldes feitos por dois artistas de pedreiro. Agora já o sino parece que toca melhor, dizem alguns. O nosso carpinteiro e o ferreiro gaiatos, de vez em quando lá vão dar uma tocadela.

Comunicações

Recebi uma carta a oferecer as galhetas para o nosso futuro altar e não sei a quem devo responder, porque não vem assinada. E' bom esconder a mão que dá, sim, mas nem oito nem oitenta!

Gostaria de informar que já temos aquele objecto e bem assim qual a peça que poderia ser oferecida nas suas vezes, mas sem indicações de nome nem morada como posso fazê-lo?

Crónica da Casa do Pôrto

NESTA venda que passou veio almoçar connôsco o Zé-Sem-Mais-Nada. Vieram do Espelho da Moda algumas coisas, entre elas duas peças de pano e um lindo barço muito bem feito.

O «Pinóquio» é guloso foi ao açúcar; subiu por uma cadeira. O Rui e o José deram com êle, e depois começou a mentir a dizer como é que podia subir ao armário, mas êles viram-no com a bôca tôda cheia de açúcar, e ainda continuou a negar, mas quando chegou o Luciano ralhou e disse-lhe que beba o café azêdo Luciano é o nosso chefe.

A estante que mandamos pedir ainda não veio.

No nosso quintal já temos couves plantadas. Deram-nos uma cabra com um cabrito. As nossas pombas não há meio de chocarem, já as queriamos ver sôltas. O Machado e o Bucha tratam da cabra. Temos um professor que nos dá aulas todos os dias às seis horas para nos dar aulas. Temos uma pequena sala de aula com duas carteiras que mandou o Snr. Dr. Beltrão, ainda há-de vir mais porque aquelas são poucas.

O José Padeiro foi vender pela primeira vez o nosso jornal, entregou as contas certas. Deus queira que seja sempre assim. JÚLIO—Cronista.

Morreu-nos mais uma pobrezinha da conferência, a Tia Maria dos Cacos.

Quem foi ao entêrro foi o Pôrto, o Vieira e o Lisboa. Ia muita gente. Ia muito bonita e antes de morrer chamou uma vizinha e preguntou por nós. Era muito nossa amiga. Já lhe mandamos dizer uma missa. Recebi esta carta que muito nos alegrou e se não fôsse essa esmola não tinhamos agora nada para dar aos pobres. Diz isto.

Ilha Terceira, 6 de Fevereiro de 1945.

«Menino João Carlos Freitas, com destino à Casa de Miranda vai o vale de correio na importância de 25$00». Destina-se à conferência de S. Vicente de Paulo de que tu és secretário. E' poucochinho pois são tantas as necessidades dos vossos pobrezinhos... mas os meninos não desanimem. Trabalhem sempre por essa grande obra espalhada por todo o mundo que é a conferência de S. Vicente de Paulo. Com que alegria êles vos recebem quando os visitam. Até choram de contentes por verem meninos tam bons a visitá-los quando ninguém os visita.

Francisco Ribeiro Ramos Pires
2.º Sargento-enfermeiro

Notícias DA CASA DE MIRANDA

pelo JOÃO C. FREITAS

No domingo da Paixão foram onze meninos venderem o Gaiato. De manhã foram cantar a missa a Santa Cruz. O Senhor Joaquim tocou harmonium. Foi a festa da desobriga dos Gaiatos das Colónias de férias. No fim da missa fômos todos tomar leite com café e pão de ló no café Santa Cruz. No fim o Senhor Padre Adriano ia para pagar e o dono do café não quis aceitar o dinheiro. Depois foram vender o Gaiato e quem vendeu mais foi o Pedro que vendeu 100 jornais. Quando vinhamos no combóio um senhor deu-nos 20$00. Outro senhor do Pôrto por ter nêsse dia o Boavista ganho deu também 20$00. Outro deu-nos livros e estampas para encaixilhar.

O Pedro tem muita habilidade para vender jornais. Quando foi à Estação o chefe começou a ralhar com êle dizendo se alguém lhe tinha dado licença para entar e o Pedro respondeu, *ó meu Senhor a gente pode entrar em tôda a parte. Vá compre-me o Gaiato para ajudar a obra.* Não compro nada eu não tenho dinheiro. *Vossemecê tem dinheiro porque manda nos combóios. Vá veja lá se tem dez tostões.* Não, só tenho nove. *Tome lá mesmo por isso.* O chefe ficou com o jornal e ainda deu mais de dez tostões.

O Freitas anda a trabalhar numa serralharia no Montoiro. O patrão gosta muito dêle. O Freitas também cá tem uma serralharia mas já não trabalha há muito tempo nela porque não tem ferro. O Senhor P.e Américo já o pediu para a comissão reguladora do Pôrto mas ainda não veio. Foi hoje à Louzã ver a mãe que está doente. Foi na bicicleta que o Senhor Padre Adriano comprou. Foi êle que a estriou.

O Chico e o Arlindo andam a trabalhar na mina para arranjarem água cá para casa. Vão de manhã e só veem à noite para o curso nocturno da escola. Vai sempre um levar-lhes o jantar. A água que aqui corre vem de 700 metros de distância e não chega o verão.

Pobres de Cristo

Não temos ido visitar os pobres porque êles veem cá buscar a esmola.

O de S. Lourenço já recebeu os talheres mas ainda não recebeu a cama que êles muito precisam porque estão a dormir no chão, só em cima de um colchão todo esfarrapado.

O do Bairros é muito velhinho mas muito arranjadinho. Quando lá vamos visitá-lo êle tem sempre a casinha em ordem tudo arrumadinho e diz que tem o suficiente para o comer só o que não tem é os legumes.

O do Assento, já recebeu duas camisas para os filhos o que não recebeu foi a cama e a roupa para ela. E' muito doente dos nervos, está sempre a tremer, e muitas vezes cai, fica sem sentidos e dá-lhe ataques. O médico tem-lhe dado remédios mas isso não lhe faz nada.

Um enfermeiro dos Açores mandou vinte escudos para a nossa Conferência. De Lisboa outro senhor nos mandou a mesma quantia. De Lisboa da rua do Salitre, mandaram duas tigelas, dois talheres completos para o de S. Lourenço e duas camisas para o do Assento. Pedia muito aos leitores se davam estas coisas que êles precisam para eu não os maçar mais.

O Secretário,
JOSÉ EDUARDO.

Notícias de Coimbra

Comecei agora com a via-sacra nas igrejas de Coimbra, tendo sido a primeira estação na Sé Nova. A larga ausência que ali fizera, não modificou a opinião dos meus ouvintes. Houve, como dantes era costume, o mesmo sim, nas carteiras, nos semblantes, nas jóias.

Um cordão de oiro, um anel de brilhantes, uma pulseira de prata, uma bolsa de prata, um brinco de oiro e dois mil e quinhentos escudos.

Constou-me ali que semanas antes, tinha havido uma grande patuscada em benefício dos pobresinhos, coitadinhos, que passam muitas privações e bem merecem que se faça alguma coisa em seu favor; e assim se fez. Fui uma noite inteira de trabalho. Muitos entraram em casa de madrugada, arrasados.

No domingo do Bom Pastor, que é em 15 de Abril, podes escutar o meu verbo fluente nas igrejas de Santa Cruz e de S. Bartolomeu, e assim nas demais igrejas, até alcançar a derradeira estação. Nós temos de inaugurer em Coimbra uma sucusal da Casa de Miranda, como se fez já no Porto, em relação à de Paço-de-Sousa. Alguns dos nossos rapazes estão de caminho a pregar bigode, por isso torna-se necessário que êles entrem em contacto com o mundo, bem avisado e prevenidos dos perigos do mundo Vamos a vêr como Coimbra nos recebe e nos auxilia.

A' noite, jantei com os Rapazes do Lar do Pupilo dos Reformatórios. Tenho; devo aparecer por lá de vez em quando. Tudo corre bem. São uns 25 pupilos, todos colocados. O Maioral preside. O actual é um dos mais novos. Depois da refeição e no fim do terço em família, notei que o rapaz se levanta e vai buscar um livro.

—Que é isso?

—Leitura espiritual!

Quem tiver ouvidos de ouvir que oiça!

Assinantes PAGAS

O tal número de quatrocentos que ainda por lá andam, tem levado uma grande pancada e está muito diminuido. São conselhos que o travesseiro dá, os melhores!

Muitos senhores bons, tomando para si a carapuça, teem desatado a pagar o ano de 1945, mas não. Eu refiro-me "sòmente" aos de 1944, e mesmo a êstes, é uma contribuição voluntária que se pede e não dívida que se exige. O nosso «Gaiato» é para os homens de boa vontade. A'queles organismos oficiais que, uma vez o "O Gaiato" na rua, vieram logo em cima dêle com o decreto n.º tal de tantos de tal, a pedir o envio do periódico, aos Sanhores que lá riscam, queria eu lembrar os meus trabalhos e pedir-lhes alguma coisinha, a bem da nação.

O que agora se precisa é de mais assinantes. Muitos assinantes.

Um modesto e simples empregado da Junta Nacional do Azeite, em Lisboa, arranjou 20 dêles e pede mais 21 exemplares de cada número para vender aos seus colegas que não podem pagar uma assinatura. E' o sangue de rapezes trabalhadores e sacrificados, que nem sequer conhecem o Padre Américo, mas amam a terra onde nasceram e querem-na grande! Assim, sim. Mal empregados na Junta do Azeite!

Um aluno da Escola Mousinho da Silveira, de entre um grupo que nos visitou, dá lista de seis assinantes e respectiva importância. Alguem de Matozinhos, arranja uma pancadaria de nomes, dinheirinho à frente. Temos fundada esperança de ver subir o número de assinantes e por êles, interessar Portugal inteiro.

Armando Lopes, 40$00; Manuel Fernandes, 30$00; Júlia Torres, 50$00; António Alberto de Almeida Pinheiro, 100$; Menina Ana Maria, 20$; Maria Alice Pegado Cravo, 30$; Maria Luísa Cruz, 50$; Emília da Costa Araújo, 20$; A. R. Silva Lima, 30$; João G. Marques Huet Bacelar, 100$; Mário Cruz, 20$; Américo Duarte, 30$; José Maria de Castro Salazar, 20$; Maria José César, (1944-45) 50$; A Meia d'Ouro, 100$, Carlos Alves da Silva Cunha, 100$; Maria da Costa Cunha, 30$; Ulisses de Queiroz Nunes, 100$; José Lourenço da Costa, 30$; Leopoldina Barroca, 30$; Mercedes Saavedra, 50$; Padre Martins Fernandes, 20$; Manuela Dias de Almeida, 30$; Florinda Falcão, 20$; Dr. José Luís Afonso, 25$; Capitão Aníbal de Jesus Morais, 25$; Roberto Tinoco, 25$; Major Rêgo Monteiro, 50$; Maria da Conceição Malta, 20$ —todos do Pôrto. Maria Leonor de Zea-Bermudez, 60$; M. Arouca, 20$; Maria Carolina Alçada Arnaut, 50$, Maria Ferrie de Carvalho, 20$; Irene de Oliveira Braz, 20$; P.e Jaime Boavida, 100$—todos de Lisboa. P.e Domingos Costa, Guimarães, 50$; Abilio Esperança, 50$; Dr. Armando Ruano, 30$; P.e José Felgueiras, 50$—todos do Mogadouro. Maria da Soledade de Pinho e Sousa, Arrentela, 30$; Joaquim Martins Maia, 20$; Jaime Tavares de Anacrina, 20$; Jaime Lopes Claro, 20$; Horácio Fernandes Louro. 20$—todos de Anadia. Ventura Ferreira de Oliveira, 50$; Maria Alice Marinho Cálen, 25$. Luísa de Vasconcelos, 25$; Dr. António Lopes da Fonseca, 30$; Olímpia Lemos, 20$; Dr. José Ferreira de Lemos, 20$—todos da Foz do Douro. Luíz Carlos da Costa Pereira, Matozinhos, 20$; Maria da Conceição Rosado Falcão, Cano, 20$; Dr. Garland Pereira de Sousa, Amadora, 20$; Maria de Mesquita Taborda, Freixo de Espada à Cinta, 20$; Augusto Taborda Teixeira, 20$, Dr. Adérito Gomes de Almeida, 25$; Dr. Adriano Veiga Rodrigues, 30$; Urbano Gonçalves Ferreira, 20$; José Guichard, 20$; Dr. Guilhermino Teixeira Ribeiro, 20$; Dr. Abílio Machado Leonardo, 30$; Junta D. da Acção Católica 20$—todos de Vila Real. Dr. José Pacheco de Amorim, 25$; Maria Isabel Afonso dos Santos, 20$; Maria Teresa Barroso Lagos 20$—todos de Coimbra. João Bastos, 50$; José Nunes Ereira, 30$ —ambos do Estoril. Capitão António Hiberico Nogueira, Maceira Liz, 50$; José de Brito Fadista, Viana do Alentejo, 15$; Mariana de Sotto Mayor Ricon, Granja, 25$; Maria Luísa Pimentel. Trancoso, 25$; Padre Manuel Lima, S. Julião de Monte Trigo, 20$, Odete Grave, Rio Tinto, 25$; João Iria, Mealhada, 20$; José Marques D. Carneiro. Monchique. 20$; Manuel Fernandes Urbano, Sangalhos 50$, Adélia Augusta Saraiva, 25$; Maria Heloisa de Almeida Cautela, 25$; Maria de S. José Moura, 25$ —todos de Fozcoa. Deolinda Viana, 30$; Adelina Canaveira, 30$; Maria José Trindade Rèinas, 20$; Maria Antunes Bastos Martins 20$, Maria Alves Manzanera, 20$; Rosa Pinto Vaz, 22$5—todos de Vilar Formoso. Delfina Antunes Vasco, Nave de Haver, 20$; Maria Cândida Fonseca Pinto, Nave de Haver, 20$; Maria do Espírito Santo Pires Pinto, Freineda, 20$; Dom António Aranha, Régua, 50$; Dr. Renato Teixeira Lopes Cantista, Régua, 50$, José Manuel Fernandes da Silva, Nagozello, 50$; Clemente José Castro Lopes, 25$; Manuel H. Castro Lopes, 25$; Inês de Castro Lopes, 25$; Alvaro Pinto Leite, 30$; Alvaro Lopes da Costa, 25$ —todos de Cocujães. Jaime Monteiro de Aguiar, Paço de Sousa, 20$; Arminda Costa, S. João da Madeira, 50$; Dr. João Francisco Lã, Golegã, 50$, Maria José Pinto Coelho, Melgaço, 40$; Joaquim Moreira Pinto, Famalicão, 20$, José Guilherme Lemos Pacheco, Perosinho, 30$; Isaura Almeida de Carvalho, S. Mamede de Vila Verde, 40$; Juliana Rosa Soares, S. Braz de Alportel, 20$; Dr. António Pedro da Silveira Baguilho, Elvas, 25$00; Maria Canavarro de Almeida e Brito, Castendo, 25$; Dr. Vilas-Boas e Alvim, Braga, 30$; Maria da Natividade Mónica, Aguas Belas, 25$; Eng. Gaspar de Queiroz Ribeiro Vaz Pinto, Aveiro, 100$; Adriano Côrte Real, Vila do Conde, 25$; Conceição Pereira de Sousa, 25$; Maria Luisa de Sousa Valente, 25$; Emília de Sousa Valente, 25$; Dr. A. de Sousa Valente, 25$—todos de V. Nova de Gaia. Francelina Silva Sá Ferreira, Trofa, 100$; Maria dos Anjos Almeida Couto, 25$; Carolina de Almeida, 25$; Roberto Vieira Ribeiro, 30$; Eng. Arnaldo Augusto de Sousa Melo, 20$; Narciso da Silva, 40$—todos do Porto. Américo Margarido, Moncôrvo, 20$; Isabel Maria Pignatelli Mégre, 20$, Maria Alice Chichorro Marcão, 20$; A. Zuzarte de Mendonça, 30$; José Francisco Rodrigues, 50$; Eng. Edmundo Martins (1944-45), 100$; Maria Alice de Andrade Santos, 100$—todos de Lisboa. Zulmira Roma Torres, Viana do Castelo. 50$; Alice da Costa Pereira (1944 45) Oliv. de Azemeis, 50$; Adelaide Vaz Pinto, Fundões, 20$; Emília Augusta de Campos Valente, Sezimbra, 50$; Doentes da Casa de Saúde do Caramulo, 30$; João Simões Matias, Penela, 30$; Maria da Luz Galvão Afonso, Coimbra, 20$; António Vasconcelos Campos, Vila N. de Gaia, 30$; Ilda Coelho, Lisboa, 20$; Palmira Lacerda, Castainço, 20$.

Judith Vieira da Silva Nunes Barata, 50$; António Figueiredo Barbosa, 20$; Eugénio Antunes Ramos, 30$; Maria José Tarejo, 25$;—todos de Coimbra. Maria Elena Falcão Mendonça, Lisboa, 30$; P.e Carlos Fernandes Seabra, Mata Mourisca, 20$; Reitor da Sé Nova, Coimbra, 50$; Ana de Figueiredo, Parede, 50$; Dr. Bernardino Campos de Melo, Viseu, 50$; Ilda Soares Barbedo, 40$; Alda Monteiro Soares, 30$; José Moreira de Bessa, 50$; Lizarda Moreira Cardoso, 50$—todos do Porto. António Pinto Azevedo, Rio Tinto, 10$; Albino Ferreira da Cruz, Fânzeres, 15$; Adriano Gonçalves, (2 anos) Coimbra, 60$; Eng.º Eduardo Buezo Ferreri, Braga, 100$; Dr. Edígio Aires, Coimbra, 30$; «Os Gaiatos de Valinho, Caminha, 50$; Beatriz Viveiros Pereira, Lisboa, 20$; Dr. Gaspar de Abreu, Paço Vedro, 30$; Marquesa de Vale Flor, 200$; Maria Lina Santos Fontaínhas, Monção, 20$; Dulcínia Adalgisa Alves Marques, 30$; Camila Alves, 30$; Hernáni José Aires, 30$—todos do Porto. Albina Laura Gaspar, Paços de Brandão, 30$; P.e Ilídio Fernandes, Penajoia, 25$; José Sales de Sousa, (meio ano) Lisboa, 10$; Dr.ª Aida Cordeiro Araújo, Carviçais, 25$; Maria Leonor Tomé Lopes, Fozcoa. 25$; Helena Trindade, Coruche, 20$; Dr. José Barata Correia e Silva, Tomar, 25$; Rufina Barata de Almeida, Alhandra, 30$; Maria Augusta Barata Correia, Faro, 30$; António Moreira de Vasconcelos, 20$; Cesária Marques de Figueiredo, Barrancos, 25$; Director da Colónia Correccional, Vila Fernando, 30$; Dr. Fausto de Oliveira, A'gueda, (1944-45) 50$; Maria de Sousa Loureiro Reboredo, Vizeu, 25$; Agostinho Pinto Soares de Miranda, (2 meses) Porto, 20$; José da Costa Jorge, Paço de Sousa, 50$; Dr. Pedro Soares Pinto de Mascarenhas, Castelo Branco-Sousã, 100$; Maria Margarida Bravo, Porto, 30$ Luís Pacheco Viana, Matozinhos, 20$; Dr. Joaquim Malfeito Monteiro, Santarém, 20$; Eng.º António Sebastião da Nóbrega Canelas, Alijó; 20$; Francisco Maria da Luz Nunes, Porto, 20$; José Alberto Arantes de Oliveira, Carnide, 50$; Conde da Carreira, Viana do Castelo, 50$; Maria das Dores Sacchetti Queiroz, Viana do Castelo, 25$; Maria Luisa de Távora Pinto Rodrigues, Viana do Castelo, 30$; Teresa Cerqueira Campos, Viana do Castelo. 25$; Maria Mascarenhas Taveiro, 50$; Carlos Vilela Bouça, 25$; Casa de S. José, 50$; Maria Adelaide Ferreira da Cunha, 50$; António Moreira Marinho. (2 anos) 40$; Maria Adelaide Aleixo. 20$; Dickson Leal, 250$ — todos do Porto. João Moutinho, Rio Tinto, 50$; P.e Mário Augusto de Almeida, Porto, 50$; Maria Guilhermina Lôbo Dinis Morais, Porto, 40$ Chloris Tavares Nogueira, Porto, 50$00.

CRÓNICA DESPORTIVA

Em nosso terreno jogamos com o grupo de Galegos. A nossa linha: Pepe, Avelino e José, Lisboa, Sérgio, Luciano e Oscar.

O nosso team jogou regularmente tanto na defesa como na linha avançada. A partida começou às 15,30. Iniciou-se o desafio com a saida dos nossos que numa avançada bem delineada levam o esférico às redes do adversário perdendo o Sérgio uma ocasião de abrir o marcador.

A nossa linha revela melhor entendimento nas avançadas, mas chega-se à baliza vão parte dos remates para fora.

Agora o Sérgio leva uma boa avançada dribla a defesa contrária atira a bola para a baliza fazendo o 1.º ponto dos gaiatos. O 2.º resultou de um bom passe de Oscar que o Sérgio em boa colocação remata à baliza fazendo goal.

Assim acabou a 1.ª parte, a ganharmos por 2—0. Na segunda a bola pertenceu aos de Galegos que logo de saída ameaçaram as nossas rêdes com um potente remate que o Pepe segurou sem dificuldade. Depois de ser posta a bola em jôgo houve lindos passes de cabeça que o Lisboa encontrando-se bem colocado atirou para a baliza passando a razar a trave. Depois o Sérgio meteu três um dos quais foi invalidado pelo árbitro.

O último tento foi marcado pelo Luciano que num forte chuto bateu o keeper adversário. Assim acabou a partida a ganharmos por 5—1. Salientaram-se Sérgio que se portou bem na linha avançada. Avelino na defesa e Luciano pelo último goal, e Pepe teve boas defesas.

JÚLIO.

Pão dos Pobres

E' um livro do Padre Américo, que já vai no 3.º volume, alguns dos quais em 2.ª edição. Nêle se conta de como nasceram as Casas do Gaiato, de como nós deixamos cair o Pobre e de como Êle se lamenta.

Adquire hoje o livro.

Vende-se nas Livrarias do País.

Suplemento do «Gaiato», feito por ardinas, para os ardinas, gaiatos e... e grandes! Na «Casa do Ardina» — Calçada da Glória, 39— LISBOA

O ARDINA

DIRECTORA: MARIA LUISA

Continuação da minha vida de ardina...

Um dia estava eu a girar e nisto veio o João Colaço *e o* Luiz da Luz *e disseram-me assim:—«Porque não vais para a «Casa do Ardina», Alberto?» E eu respondi que não podia ir porque não tinha quem pedisse para eu ir para lá. E o* João *disse-me assim: «Se é por causa disso, nós encarregamo-nos de pedir à Senhora». E isto passou-se. No dia seguinte, o* João *chegou-se ao pé de mim, contente, e disse-me:—«*Alberto *eu e o* Luiz *pedimos à Senhora e a Senhora disse para te apresentares àmanhã». E no dia seguinte fui todo contente, mas como era a primeira vez que lá entrava ia envergonhado. Mas logo vi que havia bons companheiros, principalmente o* António, *um bom rapaz e com o coração bondoso, e, em seguida vi que na grande «Casa do Ardina» havia respeito e conforto, principalmente pelo carinho com que as senhoras tratavam.*

Para mim e para todos os meus companheiros surgiu um grande milagre foi Deus que o fez: mandar-nos guiar para o caminho do bem e não do mal, e àmanhã sairemos da «Casa do Ardina» com a graça de Deus, grandes homens.

Alberto Ferreira Martins—18 anos
hoje jardineiro da C. M. L.

Uma observação

Quem leu a carta do Alberto, *logo podia tirar uma conclusão do que é a nossa «Casa». Como êle dizia que não podia entrar para cá, devido a não ter ninguém que pedisse para êle vir, o* Luiz *e o* João Colaço *pediram à Senhora e êle acabou por entrar. Mas não são só êles que são assim: São todos os ardinas da casa.*

O Ardina de cá da casa é caridoso, por isso leva o companheiro para o bem! Deus salva os ardinas por meio dos ardinas!...

António Leonardo—15 anos
vulgo: «José Grande»

A «Casa do Ardina» e eu

Entrei para a «Casa do Ardina» quando ela se abriu e foi o Manuel Tomé *e o* Sérgio *que me trouxeram. Eu já andava na venda dos jornais havia dois anos; comecei quando tinha sete anos. Quando entrei para cá era mais mau e desobediente, mas gostava muito das senhoras e da casa, pois tinha outros rapazes para brincar e era muito bem tratado.*

Do que eu gosto mais é de estudar e do que eu não gosto é de não poder dar mais faltas para ir passear e jogar a bola, que é do que eu me pélo!...

João Silva—9 anos.

~

Um pedido: CINCOENTA CONTOS!

Mas cincoenta contos aos bocadinhos, aos poucos... como quizerem dar!...

E' que já temos uma segunda «Casa do Ardina» que será aberta dentro em breve ao público... ardina; mas, para a pormos a funcionar, precisamos de deitar paredes abaixo, montar duches, etc., etc..

Precisamos de montar oficinas, instalar cozinhas, refeitórios, salas de aulas e jogos, etc., etc.

Avaliamos num mínimo de cincoenta contos, que esperamos nos envies ou leves à Calçada da Glória, 39, onde ficará sendo a Séde Social de tôdas *as «Casas do Ardina» a abrir e montar.*

No dia 25 dêste mês é o 2.º aniversário desta «Casa do Ardina»... Dá-nos até lá com que pôr a segunda de pé, sim? E com que a manter, como à da Calçada da Glória...

Os ardinas, mais tarde, te agradecerão o que fizeste por êles;

Eles sabem pagar quanto lhes damos!...

Pagam-nos a dobrar, podes estar certo.

Há dias, alguém da minha família quis um bilhete para o «Portugal-Espanha» à última hora e lembrou-se de recorrer à minha família... ardina.

O Joãozinho oferece-se, e lá vai até ao Rossio a ver se descobre um bilhete.

Pregunta a uns e outros: «Eh pá! tens ai um pedão?...» Ante a negativa, êle insiste: «Olhe que é para a senhora!... Assim vai a uns e a outros, grandes e pequenos e lá consegue lobrigar um bilhete. Pedem-lhe muito, oferece menos... Protesta que é muito caro, ainda, e vem triunfante dizer: «O Tipo (o termo não foi bem êste, mas é para não te chocar...) não se convenceu muito, mas sempre fez mais barato do que disse!»

Chegou à «Casa» feliz a dar-me a notícia de que conseguira o bilhete que se lhe pedira!...

Pagou a dobrar!...

Servindo bem, a quem os quere servir cada vez melhor...

MARIA LUÍSA.

DO QUE NÓS NECESSITAMOS

Mais da Régua, uma lata de azeite oferecida em tais condições e palavras, que seguramente quem assim fala é Mãe ou deseja muito sê-lo! Ele há esmolas tão frias! Outras, escaldam pelo amor. Mais 20$00 no *Depósito*. Mais de uma firma comercial do Pôrto, um apreciável desconto. Mais um cheque da Régua. Mais no *Depósito* um fio de oiro. Mais idem, dois botões de oiro. Mais 180$ de Coimbra. Mais 20$ de Lisboa, *tirados do fraquíssimo mealheiro que ando a formar, para o meu enxoval de casamento*. Mais, na mesma terra, uma outra noiva quis dar-me um anel. Pois que uma e outra depressa se casem, e que sejam sempre noivas. Mais 100$ e mais outro tanto de visitantes. Mais uma jóia para o nosso cálice, oferta de *O zero de Coimbra*. Já havia um no Pôrto, o que não admira; é terra de negociantes. Mas em Coimbra, terra dos Capêlos?!

Mais 100$ da Ilha Terceira. Mais 20 de Sezimbra. Mais outro tanto de Cabo Verde. Se mais mundo houvera, mais recebiamos. Mais 100$ de Lisboa. Mais 2.000$ idem. Mais 15 chouriças da Beira Baixa. Mais 50$ de visitantes do Pôrto e mais 40$ idem. Uma família veio cá de propósito pagar a assinatura do jornal e deixou 4 ceiras de figos. Que coisa tão acertada. Mais 50$ de um visitante do Funchal. Mais 150$ do Pôrto. Mais 50$ nas ruas do Pôrto e mais idem. Mais 500$00 de um visitante do Pôrto. Mais 50$ também de lá, *no 5.º aniversário da morte do meu saudoso filho*. Mais, de Lisboa, a nota seguinte: *no orçamento do baptizado da minha filha inclui estes 100$ para a «Casa do Gaiato»*. Mais 50$ de O. de Azemeis. Mais 460$ de um grupo de visitantes do Pôrto e assinantes de «O Gaiato«. Mais a costumada caixa de sardinhas de Matozinhos. Veio há dias de lá um rôr de assinaturas e uma carta a preguntar quando é que eu lá vou; e eu pregunto quando é que me chamam.. Estou prontinho. Mais 100$ e mais metade de visitantes.

Agora, com a chegada da poupa e do cuco, começam também os Visitantes a chegar à nossa «Aldeia». Pois bons ventos os tragam, e como a entrada é livre espera-se uma saída generosa.

Mais no Banco Espírito Santo de Lisboa 100$; *com pena de não poder depositar esta verba muitas vezes multiplicada*. Também eu, meu senhor. E mais ainda, por ver e *sentir* que os lisboetas são tão atrasadinhos em dar! E já os do Estoril, não. Mandaram de lá quatro contos, producto da venda de um objecto de luxo.

«Verifiquei que podia muito bem dispensá-lo e ai vai a importância para ser aplicada na admissão de mais um rapazinho», a qual carta, vale bem outros quatro. Ai do Estoril, se lá não existissem pára-raios!

Mais um grupo do Centro Escolar n.º 24 do Porto, que veio passar um dia mais nós, e deixou ficar mil e cem escudos.

POR LISBOA

Mais uma vez fui de levada, ver as gaivotas do Tejo mai-las pombas do Rossio, tendo aproveitado a ocasião de subir ao primeiro andar dos labirintos da Arcada. Uma vez ali, tive uns zuns-zuns, de que alguns dos nossos Ministros começam a virar a cara para Paço-de-Sousa, e logo me veio à ideia aquêle dito de um filho espiritual de João Bosco, que há dias nos visitou: —*Deus proteje esta obra descaradamente.*

Estive também na Intendência dos Abastecimentos, por causa da dança do milho. Meti Madalena acima até ao Caldas, com o recado na ponta da língua:

—O Senhor Intendente?

—Na rua da Boavista.

—Quero falar ao Senhor Major Mota.

—A Intendência mudou.

De novo me lancei no caminho, cansado, sim, mas contente, por causa de ser obrigado a comer o pão com o suor do meu rôsto, que por ser verdade eterna, é sentença construtiva.

Não é prédio antigo; é casa moderna, esta onde ora se faz a ração de cada mortal. Quando acontece que muitos lamberam muito e outros muitos—quási nada, passam todos a comer pouco. Pelo que, se faltasse a fé divina na existência de um Deus remunerador, ficaria a natural curiosidade de saber quem é que faz coisas tão bem feitas.

Da Intendência, dirigi meus passos para o Ministério da Educação, lá em cima num antigo e soberbo palácio. Tantos que conheço agora em Lisboa, ao serviço da Nação! Parecem-me tumulos a dizer à gente: —*aqui jaz a glória que foi!* Oh engano das riquezas, que enfeitiças tanto mundo. Não existe mar de tantos naufrágios, como êste dos bens terrenos; nem naufragos mais desgraçados.

Mas vamos ás visitas aos Ministérios. Neste, da Educação, pedi três escolas no próximo Outubro, sem as formalidades do estilo, em virtude da natureza dos nossos rapazes, que não sabem a idade nem filiação. O imperioso, é fazer guerra ao analfabetismo. Que sim senhor. Que pedisse eu os três professores, desde que houvesse matéria discente. A necessidade faz a lei.

De ali, fui para outros. Num certo, topei um contínuo sentado em duas poltrônas, baixos numa e pernas na outra, o qual informou ser ainda muito cêdo para falar a quem procurava. Respeitei a sésta e aproveitei a lição. Agora, após o almoço no hotel, também faço uma sestasinha; vou mais tarde e acerto. Bati ainda a outros ferrôlhos, pelo que muito mais coisas teria a narrar, se o espaço me não faltasse para os demais colaboradores.

Importante

Na venda do ultimo número, houve alguem no Pôrto que entregou 50$00 a um dos vendedores e recado para lhe serem enviados os 3 volumes do «Pão dos Pobres». O rapaz entregou o dinheiro, mas perdeu o nome. Quem se acusa?